



**David Lynch,**  
multiartista

Daniel Serravalle de Sá • Marcio Markendorf  
< organizadores >

## David Lynch e a estrutura dos sonhos

Daniel Serravalle de Sá • Marcio Markendorf

O adjetivo “onírico” é frequentemente utilizado para falar sobre a obra de Lynch, as traduções brasileiras de *Mulholland Drive* (Cidade dos Sonhos, 2001) e *Inland Empire* (Império dos Sonhos, 2006) são exemplos dessa percepção que muitas pessoas têm ao assistir aos filmes. De fato, é possível observar que apesar da grande variedade de temas, tanto nas imagens quanto na narrativa, os filmes de Lynch possuem uma qualidade que remete ao tecido de que são feitos os sonhos.

Suas histórias quase sempre contêm um acontecimento central que altera fundamentalmente a estrutura mimética do filme, em *The Elephant Man* (O Homem Elefante, 1980) John Merrick vira uma pessoa normal, em *Lost Highway* (Estrada Perdida, 1997) Fred Madison se torna outra pessoa, em *Dune* (Duna, 1984) Paul Atreides assume controle sobre a Natureza em sua volta, fazendo chover no deserto. Esses exemplos estão intrinsecamente relacionados à satisfação de desejos dos personagens, que atravessam as fronteiras entre o mundo concreto (da insatisfação) e o mundo da fantasia ou do sonho. O que está em ação é o desejo que, guiado pela imaginação, torna os acontecimentos possíveis, quebrando as barreiras que separam os dois mundos.

Enquanto chave interpretativa, a estrutura dos sonhos também se manifesta na organização do enredo, fazendo com que a audiência questione a verossimilhança daquilo que está assistindo. Em *Blue Velvet* (Veludo Azul, 1986), Jeffrey desperta em sua cama após presenciar o imenso calvário e estupro de Dorothy. Fica subentendido que o personagem poderia ter sonhando com o acontecimento terrível. Em seu próximo encontro com Dorothy, sua bochecha esquerda está ferida do corte que ela lhe fez com uma faca de cozinha.

Entretanto, na cena em que ele acorda, não há cicatriz, sugerindo que os eventos foram sonhados (um sonho dentro de outro?). Em uma cena posterior, na qual Jeffrey observa Dorothy dançando no Slow Club, a cicatriz é visível, mas está ausente em outras cenas. Observa-se aqui que há uma organização estrutural baseada na lógica dos sonhos, em detrimento dos princípios da narrativa realista. Em outras palavras, as cadeias causais da lógica são desestabilizadas através da

## DAVID LYNCH, multiartista

inserção de elementos e estratégias narrativas que levam a audiência a questionar a verdade do que está testemunhando.

A ideia de sonho e desejo está diretamente relacionada à natureza psicosssexual dos filmes de Lynch, que geralmente têm como ponto de partida um contexto idealizado e típico de pequenas cidades norte-americanas: longos dias de sol, casas com cercas baixas, lindas flores e gramados, pássaros cantando, visitas a membros da família. Todavia, é dentro desse universo familiar que ocorrem os eventos mais inquietantes, traumáticos e surreais.

O ambiente tranquilo logo é desfamiliarizado por meio da incorporação de elementos que parecem oriundos de pesadelos, resultando em filmes enigmáticos e de extraordinário poder. Essa desfamiliarização, que Freud chama de *unheimlich*, é um aspecto tão recorrente que já se tornou um significante central para falar de alguns dos seus trabalhos mais reverenciados a exemplo de *Blue Velvet*, *Twin Peaks*, *Fire Walk with Me* (Twin Peaks, Fogo Caminha Comigo, 1992) e *The Straight Story* (Uma História Real, 1999).

O multiartista David Lynch – melhor defini-lo assim devido as suas incursões na música, nas artes visuais e na dramaturgia – está desde 2006, ano de lançamento do longa-metragem *Inland Empire*, sem produzir no campo do audiovisual. Seus últimos projetos têm se voltado principalmente para a composição musical. Dentre os seus trabalhos recentes estão os álbuns solo *Crazy Clown Horse* (2011), *Big Dream* (2013) – novamente o sonho – e a produção do álbum *This Train* (2012) da cantora Chrysta Bell. Lynch também tem devotado parte do seu tempo proferindo palestras sobre meditação transcendental. Ele afirma que a prática traz felicidade e o ajuda a encontrar seu centro criativo.

Em 2014, o canal Showtime anunciou, e David Lynch confirmou nas redes sociais, que a cultuada série *Twin Peaks* (1990-1991) teria uma continuação. Os fãs entraram em polvorosa, a internet veio abaixo. A razão disso é a singularidade do seriado que, com seus elementos icônicos e simbólicos, deixou impressões marcantes no imaginário cultural de toda uma geração. A retomada de *Twin Peaks* tantos anos depois de finalizada até parece uma mera jogada de *marketing*, pois a *doppelgänger* Laura Palmer havia declarado a Dale Cooper nos episódios finais que ambos se reencontrariam vinte e cinco anos depois. Inicialmente prometida para 2016, a expectativa agora é que nove episódios da nova série sejam lançados pelo Showtime em 2017.

Essa agitação recente em torno de David Lynch se apresenta, portanto, como uma oportunidade para o lançamento de uma publicação singular no meio editorial brasileiro. Uma obra que trate do multiartista em suas diversas facetas, agregando discussões sobre seus longas-metragens, seu projeto musical, seus projetos em vídeo, seus curtas-metragens, seu trabalho na televisão e suas ideias sobre meditação e criatividade. O livro *David Lynch, multiartista* tem a intenção de oferecer um panorama sobre a ampla e variada produção artística do autor, mas sem a pretensão de cobrir toda a sua obra.

A proposta do volume é reunir textos de escrita mais reflexiva, de voz e linguagem pessoal, sem a preocupação de fechar as pontas discursivas, tal como é de praxe nos formatos herméticos da academia. O livro foi pensado com foco em um público amplo de interessados em David Lynch – cinéfilos, cineclubistas, estudantes, fãs – mas temos certeza que *scholars* também encontrarão conteúdos significativos e um conjunto de informações relevantes. Lynch foi aqui uma ponte, dobra ou contato entre os colaboradores, que possuem diferentes formações acadêmicas, interesses artísticos e atividades de pesquisa, razão para a multiplicidade e riqueza de abordagens do volume. Os editores só têm a agradecer aos ensaístas que contribuíram para este livro e aos membros da Comissão Editorial, cuja leitura e emissão de pareceres sobre os textos submetidos foi fundamental para a conclusão deste trabalho coletivo.

O livro está dividido em duas partes: a primeira, intitulada Longas-metragens, contém ensaios que abordam de forma cronológica os filmes que fizeram a fama de David Lynch; na segunda parte, Multimídia, o foco recai sobre os trabalhos que o multiartista desenvolveu paralelamente ao cinema e que envolvem clipes, meditação, música e televisão. A obra de Lynch é significativamente coesa e autorreferencial, de modo que é comum encontrar nos diferentes ensaios informações complementares, e os diferentes capítulos do livro acabam por se conectarem uns aos outros. As explicações se desenvolvem sob pontos de vista distintos, mas, ao ler o livro na íntegra, há um efeito cumulativo que fornece uma visão mais ampla e panorâmica da obra de Lynch. Obviamente cada ensaio pode ser lido de modo individual, mas, é no diálogo entre os diferentes textos que as informações se constroem, interligam e se expandem. No comparativo entre as obras a discussão floresce, possibilitando o reconhecimento do estilo lynchiano e o seu vigor autoral.

## **DAVID LYNCH, multiartista**

As imagens utilizadas no livro pertencem ao autor e aos que lhe são conexos (Lei nº 9.610/1998), e nós as colocamos à disposição do público apenas enquanto citação ou referência à obra original. Nosso livro tem fins educacionais e distribuição gratuita, o objetivo aqui é a democratização da informação, do conhecimento e da cultura, conceitos essenciais para o desenvolvimento da educação.

Finalmente gostaríamos de agradecer o Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE), o Departamento de Artes (ART) e o Programa de Pós-Graduação em Inglês (PPGI) da Universidade Federal de Santa Catarina pelo apoio e pelo financiamento que tornou possível a realização deste projeto.